4 - A Manifestação

A doutrina védica, como vimos, chama de manifestação o que chamamos de Criação. A manifestação é o local de uma dualidade fundamental:

> "Aqui devemos começar com a primeira de todas as dualidades cósmicas, aquela que está no princípio da existência ou da manifestação universal. Esta dualidade é a de Purusha e Prakriti, segundo a doutrina hindu, ou para usar outra terminologia, a da essência e da substância" (O Reino da Quantidade, capítulo I).

Prakriti é a substância universal, indiferenciada e não manifestada em si mesma, mas da qual todas as coisas surgem por meio de modificações. Essa substância universal é constitutiva de todos os seres diferenciados, até mesmo dos seres espirituais. Por exemplo, a consciência individual participa de Prakriti como essa consciência é uma substância espiritual. É evidente que também é Prakriti que constitui a substância fundamental dos cinco elementos materiais: éter, ar, fogo, água e terra.

Na doutrina hindu, há um princípio complementar a Prakriti. Esse princípio é Purusha, que pode ser chamado de essência:

> "Todas as coisas manifestadas são produzidas por Prakriti. Mas, sem a presença de Purusha, essas produções teriam apenas uma existência puramente ilusória" (Int. Et. Doc. Hind., terceira parte, Capítulo XI). Portanto, é Purusha quem dá forma à substância universal constituída por Prakriti. Purusha permite que Prakriti se diferencie e dê origem a seres individuais. Estes são os dois polos da manifestação: substância e essência.

Essa divisão bipolar é bastante desconcertante para nossa mentalidade ocidental. Toda a nossa filosofia é, felizmente, marcada por concepções que derivam, em última instância, do Gênesis: "No princípio, Deus criou o céu e a terra". O céu, ou seja, o mundo dos espíritos, e a terra, ou seja, o mundo dos corpos. Os dois constituintes que estamos acostumados a distinguir na criação são espírito e matéria. Reconheçamos que fomos ajudados pela Revelação.

Os dois polos da manifestação hindu não são os mesmos. Purusha, que é a essência, não se confunde com o espírito: ele é apenas o agente que permite a individualização dos seres; é o agente que constitui as "essências" particulares.

Por sua vez, Prakriti, que é a substância universal, não pode ser assimilada à matéria como a entendemos, pois Prakriti, como vimos, constitui até mesmo a consciência individual. Prakriti é, portanto, tanto a substância espiritual quanto a substância material.

Somos desorientados, pobres ocidentais, por essas doutrinas cujos conceitos apresentam ora pontos de coincidência com os nossos, ora pontos de divergência. Também o somos porque elas enfatizam mais a união dos contrários do que sua distinção. Por exemplo, como não ficar surpreso quando R. Guénon, após expor o bipolarismo da manifestação, apressa-se em observar que essa divisão bipolar não afeta de forma alguma o caráter não dualista da metafísica hindu: de fato, ele diz, Prakriti e Purusha têm um princípio comum de ordem universal em que ambos estão igualmente contidos. O princípio universal, nós o conhecemos, é Brahma, o Princípio Supremo.

Aqui, não podemos deixar de nos perguntar se o sistema metafísico de R. Guénon é panteísta? Ele próprio rejeita essa acusação, o que obviamente o incomoda muito se ele quiser, como frequentemente repete, se sobrepor ao catolicismo sem se opor a ele. No entanto, podemos observar que a transcendência do Princípio Supremo nunca é expressa claramente. Além disso, a noção de criação ex nihilo, embora verbalmente admitida, não é definida corretamente. Essa questão do panteísmo, se seria ou não incluída na tradição hinduísta, precisa ser tratada separadamente.

Revision #1
Created 13 June 2024 02:15:23 by Admin
Updated 13 June 2024 02:15:56 by Admin